

Trabalhando as relações e os vínculos familiares: uma experiência de Extensão Universitária da PUC Minas

Working with relationships and family ties: an experience of University Extension at PUC Minas

Stella Maria Poletti Simionato Tozo¹
Tamara Alessandra Santos Gomes²
Jennifer Antonelle de Moura Vasconcelo³

RESUMO

Este trabalho traz o relato de experiência, com proposta de elaboração reflexiva, das atividades realizadas em um projeto de extensão universitária, cujo principal objetivo é a reconstrução de vínculos familiares estremecidos, em famílias de camadas populares que vivem sob um contexto estressante por diversos motivos. A orientação do pensamento sistêmico e a terapia familiar na perspectiva do construcionismo social são a base teórica para a intervenção realizada em duas instituições de Belo Horizonte (MG). Considera-se que esta abordagem se relaciona com uma prática social transformadora, que se organiza a partir dos contextos locais e das histórias culturais de distintas comunidades linguísticas. A metodologia se dá através de atendimentos psicoterapêuticos grupais e atendimentos domiciliares a famílias que vivem em contexto de vulnerabilidade social. O objetivo principal dos grupos psicoterapêuticos multifamiliares é proporcionar um ambiente reflexivo, em que os participantes possam relatar suas vivências e experiências, compartilhar informações, expressar emoções e sentimentos, e refletir sobre suas ações, de forma que eles revejam modos de funcionamento do sistema familiar. Os atendimentos domiciliares possibilitam que o terapeuta esteja mais próximo das famílias, uma vez que irá conhecê-las em seu cotidiano, e facilitam a interação com outros membros familiares que não podem comparecer aos grupos, como os cônjuges, filhos, sogros(as), avós, dentre outros. No decorrer do artigo, discute-se que a psicologia voltada à família precisa contemplar as especificidades culturais e contextuais, a fim de acolhê-la em suas particularidades e necessidades, evitando que se reproduzam práticas interventivas discriminatórias. O Projeto “Vincular” foi uma oportunidade de as famílias participantes poderem reestruturar o sistema familiar, na medida em que, durante o processo terapêutico, aconteceu o início do resgate da autonomia e autoestima de seus membros, incentivando-os a lutar pelo reestabelecimento da força relacional deste sistema familiar.

Palavras-chave: Família. Grupo. Vulnerabilidade. Intervenção clínica.

ABSTRACT

This work presents an experience report, with a proposal of reflective elaboration, on the activities carried out in a university extension project, whose main objective is the reconstruction of shaken family ties, in families of lower social classes living under a stressful context for various reasons. The methodology is given through group psychotherapeutic consultations and home visits to families living in a context of social vulnerability. The main objective of the multifamily psychotherapeutic groups is to provide a reflective environment in which the participants can relate their experiences, share information, express emotions and feelings, and reflect on their actions so that they may review the ways in which their family functions. Home visits make it possible for the therapist to be closer to the families, since they will know them in their daily lives, and facilitate interaction with other family members who cannot attend the groups, such as spouses, sons, father/mothers in law, grandparents, amongst others. The orientation of systemic thinking and family therapy in the perspective of social constructionism are the theoretical basis for an

¹ Doutora em Psicologia (USP), Professora Adjunta junto a Faculdade de Psicologia da PUC Minas, coordenadora do projeto de Extensão “Vincular: reconstruindo relações familiares”. E-mail: stellatozo@terra.com.br.

² Graduada em Psicologia pela PUC Minas São Gabriel. E-mail: tamaraalessandra1@hotmail.com.

³ Graduada em Psicologia pela PUC Minas São Gabriel. E-mail: jeniferantonelle@hotmail.com.

Financiamento: PUC Minas/Pró-reitoria de Extensão (PROEX).

intervention that was carried out in two institutions in Belo Horizonte (MG). In the course of this article, it is discussed that family-oriented psychology needs to contemplate cultural and contextual specificities in order to accommodate it in its particularities and needs, avoiding the reproduction of discriminatory intervention practices. The project “Vincular” was an opportunity for the participating families to be able to restructure their family system, as during the therapeutic process occurred the beginning of the recovery of the autonomy, as well as the self-esteem of its members, encouraging them to fight for the reestablishment of the relational force of their familiar system.

Keywords: Family. Group. Vulnerability. Intervention. Clinic.

1. INTRODUÇÃO

O presente escrito versa sobre o atendimento psicoterápico a famílias multiestressadas, a partir da experiência no projeto de extensão da PUC Minas “Vincular: reconstruindo relações familiares”. Consiste, portanto, em relato de experiência com proposta de elaboração reflexiva das atividades realizadas, tendo em vista, inclusive, a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão definida como os tripés da universidade. O artigo objetiva apresentar e divulgar o trabalho realizado pelo projeto “Vincular” e, neste sentido, traz o relato da experiência, a apresentação das atividades realizadas e os resultados alcançados, bem como discute questões acerca do método utilizado e o trabalho junto à comunidade, suscitadas a partir da experiência junto ao projeto.

O projeto “Vincular: reconstruindo relações familiares” nasce no contexto da extensão universitária, visando à realização de atendimentos a famílias em situação de vulnerabilidade social. Uma particularidade deste projeto, desde seu início, foi ser reformulado frente à primeira proposta apresentada à Universidade, pois a instituição parceira escolhida deixou de existir antes do trabalho se iniciar. Dessa forma, outra parceria foi firmada, primeiramente com a Associação Projeto Providência (APP), e o projeto se reconfigurou para atender as demandas dessa nova instituição. Pode-se considerar que houve dificuldades durante o tempo de execução do projeto, e estas foram sendo enfrentadas durante o percurso.

No entanto, os pilares do projeto sempre se mantiveram: a ênfase no trabalho com famílias em situação de vulnerabilidade, o foco nos relacionamentos familiares e com a comunidade de entorno, além de uma metodologia de trabalho que envolvesse o fazer clínico da psicologia na forma de grupos multifamiliares, dentro da própria instituição parceira.

A questão de definição das famílias em vulnerabilidade remete à própria problematização de nosso objeto de estudo e intervenção. Frente às diferenças culturais e à desigualdade social, não se pode falar de um modelo único de família. Segundo Paulo (2006), em diferentes tempos, locais e culturas, a família varia em três dimensões, sendo elas: “estrutura, função e significado social”. (PAULO, 2006, p. 21).

Conforme Melo (2000), constantemente as diferenças sociais são desconsideradas em lógicas de compreensão da família que privilegiam certos modos de vida em detrimento de outros. Tal percepção não contempla a diversidade, mas antes, qualifica e desqualifica modos de existência a partir de um padrão pré-estabelecido. (WALSH, 2016). Em termos de intervenção decorrente desta compreensão, pode-se desenvolver práticas promotoras de preconceito e exclusão. A autora salienta a necessidade de se compreender a diversidade que permeia as relações sociais, além de considerar a particularidade de cada sistema familiar, decorrente do domínio exclusivo e intransponível de suas vivências intrafamiliares e extrafamiliares. Tendo em vista uma prática compromissada socialmente, a psicologia voltada à família precisa contemplar as especificidades culturais e contextuais, a fim de acolher a família em suas peculiaridades, evitando que se reproduzam práticas discriminatórias e de ajustamento ao modelo dominante.

A partir de uma metodologia de trabalho focada na autonomia dos participantes, o projeto conta com duas frentes de atuação, grupos multifamiliares e atendimentos domiciliares. Ambas as atividades são realizadas sob orientação do pensamento sistêmico e da terapia familiar na perspectiva do construcionismo social. Considera-se que esta abordagem se relaciona com uma prática social transformadora, que se organiza a partir dos contextos locais e das histórias culturais de distintas comunidades linguísticas. O respeito pela diversidade e multiplicidade de contextos com seus saberes locais implica uma terapia construída a partir da aceitação da responsabilidade relacional do terapeuta com seus clientes, legitimando os direitos humanos de bem-estar e de exercício da livre escolha. (GRANDESSO, 2000).

2. METODOLOGIA

O projeto “Vincular” está ligado à unidade São Gabriel da PUC Minas e ao curso de Psicologia, e conta com duas duplas de extensionistas do curso de graduação⁴. O projeto volta-se para o atendimento a famílias multiestressadas por meio de grupos psicoterapêuticos.

A primeira parceria se deu com a Associação Projeto Providência (APP), sendo que nesta instituição os encontros dos grupos terapêuticos mantêm uma frequência quinzenal, e existem também atendimentos domiciliares em igual frequência. Estes são intercalados, e o trabalho perdurou de abril até novembro de 2017. No entanto, essa instituição não comportou a existência de dois grupos multifamiliares, e então se buscou outra instituição parceira, o que só se concretizou no início do segundo semestre de 2017, com o Projeto Sonoro Despertar.

⁴ Participaram deste projeto mais dois extensionistas além das primeiras autoras: Lorrane Catarina Lima Castro Nascimento e Wellerson Matheus da Silva, graduandos em Psicologia na PUC Minas São Gabriel.

Nessa instituição, os encontros multifamiliares são semanais, e durante o ano não foram realizadas visitas domiciliares às famílias. Em síntese, ao longo do ano de 2017, na APP, foram realizados 18 encontros de grupos terapêuticos e 41 visitas domiciliares. No Sonoro Despertar, no segundo semestre do mesmo ano, foram realizados 14 encontros dos grupos multifamiliares.

A Associação Projeto Providência (APP) é uma organização da sociedade civil que atua em Belo Horizonte desde 1988, atendendo crianças, adolescentes, jovens e suas famílias em três unidades distintas em Belo Horizonte (Jardim Vitória / Vila Maria, Fazendinha e Taquaril), sendo que o projeto “VincuLar” ocorre na unidade Jardim Vitória / Vila Maria. Conforme exposto anteriormente, no primeiro semestre de 2017, as duas equipes de extensionistas foram direcionadas para atuarem neste espaço. No entanto, no segundo semestre do mesmo ano, reorganizou-se a distribuição das equipes, decidindo pela transferência de uma dupla de extensionistas para atuarem junto ao Projeto Sonoro Despertar.

O Projeto Sonoro Despertar se iniciou no ano 2000, na Paróquia de São Marcos, no bairro Maria Goretti, e conta com o padre Jésus Guergué e com a maestrina Celeste Alda em sua idealização e coordenação. Baseia-se no dom educativo dos escolápios, em uma articulação entre fé e cultura, através do ensino da flauta doce. Além da aprendizagem desse instrumento musical, busca também desenvolver nas crianças e adolescentes que dele fazem parte os valores humanos, com vistas ao desenvolvimento pessoal e a vida em sociedade. Esta instituição já é contemplada com um projeto de extensão da PUC Minas voltado a práticas psicoeducativas para as crianças e adolescentes, e o projeto “VincuLar” traz a inclusão das famílias neste espaço educativo, buscando a aproximação pais/filhos e instituição.

Inicialmente iremos contextualizar o público atendido, e, na sequência, apresentar e discutir as duas modalidades de atuação do projeto em relação às suas definições, fundamentos, objetivos e resultados.

2.1. Caracterização das famílias atendidas.

Estudos comprometidos com a história do conceito de família (VAITSMAN, 1994; OLIVEIRA, 2009; MORAES, 2013) revelam que a família apresentou formas, configurações e dinâmicas relacionais diversas no decorrer da história. Conforme Melo (2000) “a família muda à medida que muda a sociedade” (MELO, 2000, p. 73). Tais constatações evidenciam a multiplicidade de possibilidades de apresentação dessa instituição, mas, sobretudo, evidenciam a

extrema sensibilidade deste sistema à conjuntura social na qual está imerso. Nesta compreensão, a família é forjada em tempos históricos e geográficos próprios, que lhe conferem o lugar de instituição socialmente construída. (OLIVEIRA, 2009; GOMES; PEREIRA, 2005).

A percepção da historicidade da família não é algo amplamente difundido. O imaginário toma a configuração tradicional familiar, aquela constituída por um casal heterossexual com filhos, como algo universal e natural. Todavia, o modelo tradicional familiar não detém a hegemonia, convivendo hoje, e também no passado, com outros diversos modelos (PAULO, 2009). Consequentemente, “não se pode falar de família, mas de famílias, para que se possa tentar contemplar a diversidade de relações que convivem na sociedade.” (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 358).

Ambos os grupos atendidos pelo projeto “Vincular” foram compostos por famílias que estão em diferentes estágios do ciclo de vida familiar (CARTER; McGOLDRICK, 1995), principalmente no de famílias com filhos pequenos e de famílias com adolescentes, mas famílias monoparentais e chefiadas por avós também fizeram parte delas.

Esses grupos são compostos por famílias identificadas como pertencentes à classe média baixa. Estudos sobre as famílias de camadas populares têm destacado que estas sofrem com os baixos salários, carência de serviços públicos e outros fatores desfavoráveis, que caracterizam a condição de vulnerabilidade social. (GOMES; PEREIRA, 2005). Compreendendo a vulnerabilidade como um processo dinâmico, influenciado por situações anteriores de sofrimento, no qual as pessoas sentem-se ameaçadas em determinada situação (seja de doença, conflito familiar, condição social, dentre outros) e não se acham capazes de responder a essa ameaça, percebe-se que tal contexto pode gerar famílias multiestressadas (PETTENGIL; ANGELO, 2005; MADSEN, 2010). O estresse de diferentes ordens traz dificuldades para a família lidar com suas questões, podendo fazer com que o sistema se mantenha instável.

A opção por denominá-las desta forma se deve ao alerta de Madsen (2010) de que os rótulos que utilizamos levam às próprias famílias, e os profissionais que interagem com elas, a vê-las de formas pré-determinadas. Muitos autores se referem às famílias parecidas com as quais trabalhamos como “multiproblemáticas”, mas a preferência por “multiestressadas” indica a ênfase para os estresses e pressões que atuam sobre elas, bem como ao reconhecimento da difícil realidade que enfrentam, ao mesmo tempo que destacam as capacidades, habilidades e recursos que possuem para tratar tais estresses.

Isso significa que estas famílias vivenciam estressores variados, graves, complexos e de maneira persistente, além do fato de que geralmente mais de um membro apresenta alguma sintomatologia. (BARRERO, 2012; WALSH, 2016). O atravessamento de problemas de diversas ordens tende a sobrecarregar o sistema familiar, colocando-o em um lugar de vulnerabilidade.

As famílias atendidas apresentam relações conturbadas, vínculos frágeis, situações de violência e negligência. Conforme Walsh (2016), apesar de existir uma tendência de senso comum, “é um erro associar famílias pobres com famílias com problemas” (WALSH, 2016, p. 18), sejam estas identificadas pelos próprios membros familiares ou pela comunidade do entorno. Há muita competência em todo sistema, mesmo quando em situação de estresse. Apesar disso, em famílias pobres, tais recursos comumente não são reconhecidos e identificados pela própria família, por pesquisadores ou por profissionais que trabalham com eles, que centram as atenções ao que é considerado disfuncional nestes sistemas. (SOUSA; RIBEIRO, 2005).

A população atendida nos dois espaços contempla famílias vinculadas às instituições parceiras do “Vincular” e que residem próximo a essas, ou seja, em bairros periféricos da cidade de Belo Horizonte - MG. A localização da moradia dos participantes é uma variável importante neste trabalho, visto que são realizados atendimentos domiciliares e, portanto, existe uma questão objetiva ligada à viabilidade da realização destes atendimentos. Porém, para além disso, evidencia uma questão estratégica para o alcance de um de nossos objetivos referente ao fortalecimento do vínculo sócio comunitário dessas famílias. O território é espaço de delimitação geográfica, mas, sobretudo, espaço composto por uma dimensão simbólica que aponta sociabilidades, histórias e manifestações próprias. (LIMA; YASUI, 2014).

Observa-se que as famílias de camadas populares, frente aos desafios vivenciados cotidianamente, decorrentes, sobretudo, da privação econômica, sobrevivem devido a uma lógica de solidariedade e de um conjunto de práticas no campo de ação de grupos domésticos. (CARVALHO; ALMEIDA, 2003). O vínculo com a rede social comunitária aparece como um recurso à disposição para enfrentar as exigências do cotidiano, mas que por vezes torna-se fragilizado e precário. Neste sentido, o trabalho em uma perspectiva psicoterápica grupal em meio à comunidade tem o potencial de trabalhar o fortalecimento ou até mesmo o estabelecimento de uma nova rede social de apoio às famílias.

As famílias atendidas chegam ao projeto por duas vias: espontaneamente, após divulgação do trabalho, ou encaminhadas, neste caso por profissionais das instituições. Na APP, inicialmente foram formados dois grupos multifamiliares, compostos por famílias convidadas pela instituição. Entretanto, apenas o grupo I se consolidou, visto que as participantes do grupo II desistiram ao longo do tempo, com exceção de uma participante que foi redirecionada ao grupo I. O grupo I

passou então a funcionar quinzenalmente com cerca de seis participantes. No segundo semestre, formou-se o segundo grupo multifamiliar, desta vez no Sonoro Despertar. Nesse espaço, as famílias participantes frequentavam o grupo com menor regularidade, mas com características distintas do grupo da APP. O grupo funcionava semanalmente, porém alguns participantes frequentavam quinzenalmente, e este grupo tornou-se aberto a novas famílias que desejassem participar. Desta forma, este grupo sempre contou com certa rotatividade. No total, o grupo do Sonoro Despertar contou com nove participantes mais frequentes.

Nos grupos do projeto, as famílias foram representadas majoritariamente pelas mulheres, sobretudo as mães. Das 15 famílias que participaram dos encontros, em apenas duas as representantes eram as avós. Houve participação de dois pais no decorrer dos encontros, no entanto estas participações ocorreram de maneira esporádica. Nessas ocasiões, as companheiras estavam presentes. Conforme discute-se a seguir, os atendimentos domiciliares permitiram o alcance aos demais membros familiares que não frequentavam os grupos regularmente. De maneira geral, as participantes, apesar de transitarem nos mesmos espaços, tendo em vista a proximidade das residências e também a participação em eventos comuns da comunidade, não possuíam vínculos significativos entre si, descrevendo a relação entre elas como “conhecidas”.

3. RESULTADOS

Esta parte do artigo descreve as ações, os resultados do trabalho e as reflexões sobre a prática realizada.

3.1. Modalidades de atuação do projeto VincuLar.

O “VincuLar” é fundamentado na teoria sistêmica na perspectiva do construcionismo social, que oferece diretrizes para o trabalho com famílias buscando descobrir seus “recursos de saúde”. As práticas influenciadas pelo Construcionismo utilizam a postura reflexiva, a valorização do contexto social ampliado, e trabalham as potencialidades presentes nos processos de interação social.

Segundo Raser e Japur (2004) dentre as ênfases nas práticas psicoterápicas consideradas por eles como tendo caráter construcionista, percebe-se: 1) visão de que a pessoa se constrói nos relacionamentos e significados construídos nestes; 2) a terapia se baseando em um processo de coconstrução entre terapeuta e cliente; 3) uma postura polivocal, considerado as múltiplas formas

de se descrever e explicitar os problemas e as pessoas; 4) preocupação com a ação, no sentido de que haja a utilização do discurso terapêutico para além deste local; 5) o focalizar um discurso de potencialidades e construção de realidades futuras.

O grupo aparece como oportunidade das famílias ressignificarem suas vivências, descobrirem suas competências, além de estabelecer uma rede social de apoio com pessoas próximas da vizinhança, de forma a proporcionar qualidade de vida a seus membros. Para que esse objetivo se concretize, também é importante realizar acompanhamento domiciliar de forma a acolher essas famílias e conhecer sua história de vida.

Os grupos multifamiliares abrangem a participação de diversas famílias que podem ser representadas por um ou mais membros do sistema. O objetivo principal dos grupos psicoterapêuticos multifamiliares é proporcionar um ambiente reflexivo, em que os participantes possam relatar suas vivências e experiências, compartilhar informações, expressar emoções e sentimentos, e refletir sobre suas ações de forma que eles revejam modos de funcionamento do sistema familiar e avaliem possíveis mudanças. (LIMA, ABDALA; BRAGA, 2006).

Nos grupos multifamiliares, terapeuta e coterapeuta trabalham de forma a propiciar as discussões, fortalecer vínculos familiares e sociais e favorecer o processo de autonomia de seus participantes visando uma aproximação afetiva entre pais e filhos, casais ou ainda outros familiares quando necessário (LIMA, ABDALA; BRAGA, 2006). Como são grupos terapêuticos, torna-se necessário estabelecer um contrato de sigilo, no qual os membros ficarão cientes de que as informações discutidas não devem ser compartilhadas fora daquele espaço.

Os atendimentos domiciliares possibilitam que o terapeuta esteja mais próximo das famílias, uma vez que irá conhecê-las em seu cotidiano. Eles facilitam a interação com outros membros familiares que não podem comparecer aos grupos, como os cônjuges, filhos, sogros (as), avôs (as), dentre outros. Tais atendimentos se mostram muito eficazes porque favorecem o conhecimento da dinâmica familiar, dos recursos e possibilidades das famílias. Além disso, a inclusão dos demais membros da casa no atendimento favorece o diálogo, a organização dos discursos, as reflexões sobre os papéis parentais, e consequentemente amplia as possibilidades de mudança.

É importante que o psicólogo esteja atento a cada detalhe daquele ambiente, uma vez que não somente o modo como as pessoas se relacionam, mas também a estrutura e organização da casa, a disposição dos móveis e objetos oferecem importantes informações sobre uma família.

3.2. Das técnicas de intervenção até a mudança nas famílias.

Nas sessões iniciais utilizou-se “disparadores” de fala visando estimular a participação das famílias. Esses disparadores compreenderam atividades, histórias, poesias e temáticas dadas pelos extensionistas ao grupo, visando incentivar a participação, suscitar falas e, neste sentido, não fechavam outras possibilidades de temas do grupo que emergiram no momento da conversação. Pelo contrário, como frequentemente acontecia, caso alguma temática de interesse fosse levantada pelo grupo, a atividade planejada era colocada em segundo plano e seguia-se o processo do grupo. No grupo da APP, ao longo do ano, gradualmente o grupo foi “dispensando” tais disparadores e movimentando-se com acentuada autonomia. No grupo do Sonoro Despertar, tendo em vista sua implementação tardia (segundo semestre de 2017) e a característica de ser um grupo aberto, não foram dispensados os disparadores, que estiveram presentes na maioria dos encontros.

Duas importantes técnicas utilizadas no atendimento familiar sistêmico e que foram utilizadas neste trabalho são o genograma e o mapa de rede, realizados durante os atendimentos domiciliares.

O genograma é um esquema que possibilita a representação gráfica do sistema familiar. Através dele se explicita a estrutura básica das famílias, as relações entre os membros e a reprodução de certos padrões de comportamento entre as gerações. Segundo Wendt e Crepaldi (2008), o genograma é um instrumento utilizado em diferentes contextos pela Psicologia no trabalho com famílias. Na pesquisa, o instrumento possibilita o acesso a informações e coletas de dados sobre o sistema familiar. Em outros espaços, como na terapia de família e no trabalho com a saúde das famílias, o instrumento possibilita tanto diagnóstico quanto intervenção. Como este Projeto entende que existe um aspecto importante entre a extensão universitária e a pesquisa acadêmica, esses instrumentos foram utilizados com o duplo propósito, de intervenção terapêutica e de pesquisa. Todos os genogramas e mapas de rede realizados receberam autorização das participantes para o uso em pesquisa posterior.

Quanto ao mapa de rede, de acordo com Sluzki (2007), ele é representado por um esquema que abrange o conjunto das principais relações de um indivíduo ou família. Ele é dividido em quatro quadrantes que deverão ser preenchidos com representantes da família, do círculo de amigos, de relações profissionais e comunitárias. Os quadrantes são divididos em círculos dentro de círculos, com a pessoa no centro, de forma que fique visível quais são as relações mais próximas e quais as mais distantes. Através dele, é possível identificar o tamanho da rede, a solidez das relações, a distância entre os membros e as funções (de apoio, ajuda material, companhia, entre outros) que estes exercem na vida dos indivíduos. O mapa de rede é um recurso que se revela

importante no encerramento de um ciclo terapêutico, uma vez que oferece diretrizes sobre recursos e pessoas (a rede espontânea) com a qual a família pode contar, quando não há mais um vínculo com a terapia. Constitui-se, portanto, em um importante instrumento de fortalecimento e ampliação da rede social dos indivíduos.

Este trabalho propôs e realizou um acompanhamento de famílias multiestressadas em prol de seu fortalecimento intrafamiliar e também de seus recursos para enfrentamento das dificuldades vivenciadas pelo sistema. Condizentes com a proposta da terapia sistêmica, o princípio deste trabalho foi o reconhecimento dos valores e concepções de cada participante, a fim de preservar e estimular a autonomia do sistema e propiciar a mudança a partir de suas próprias concepções.

A posição dos terapeutas frente ao grupo consiste na construção de um espaço reflexivo de conversações dialógicas. Enquanto para os psicólogos e psicólogas em formação é necessário um esforço ao aprendizado contínuo para ocupar efetivamente esta posição de mediador reflexivo, o suporte da professora-supervisora adquire, neste sentido, um caráter fundamental, pois existe aí a oportunidade de a aprendizagem se concretizar em uma via de muitas mãos, neste encontro entre os estudantes, a docente, as famílias e as instituições.

A intervenção na APP, além dos grupos psicoterapêuticos familiares, incluiu o atendimento domiciliar, que trouxe a possibilidade de realização de um acompanhamento individual das famílias, obtendo os benefícios dos dois tipos de atendimento.

Quanto aos resultados qualitativos do trabalho realizado, similaridades podem ser apontadas entre um grupo e outro em relação aos resultados. Tanto na APP, quanto no Sonoro Despertar, o grupo multifamiliar apresentou-se como espaço privilegiado para os sujeitos se repensarem e se reinventarem por meio da conversação dialógica que a cada encontro fazia emergir novos sentidos, significados. Alternativas foram compartilhadas pelas famílias para as dificuldades vivenciadas, e houve espaço para reflexão de questões diversas, como a violência familiar, relações de gênero, autocuidado, distribuição de tempo e recursos financeiros.

Os grupos multifamiliares foram um importante instrumento de formação da autonomia dos sujeitos participantes. Com o tempo, os integrantes, além de expor seus problemas, também expunham seus pontos de vista, mas sempre respeitando a posição do outro. Possíveis soluções para os problemas explicitados eram pensadas em conjunto e importantes reflexões surgiam naquele espaço. Sendo assim, os grupos foram se desenvolvendo com certa independência dos terapeutas, e este é um fator importante visto que a função dos mesmos era fomentar e mediar as reflexões e relações de maneira que não fossem vistos como os “donos” do saber, ou seja, criando espaço para que a autonomia de cada um fizesse diferença e pudesse aparecer e ser legitimada.

Os atendimentos domiciliares foram um complemento dos atendimentos grupais na APP, e através deles, foi possível enxergar de forma mais nítida as reconstruções e reorganizações do sistema familiar. Algumas questões que foram identificadas pelos terapeutas como dificultadoras das relações familiares eram distanciamento afetivo entre pais e filhos, problemas entre cônjuges e dificuldade na criação dos filhos.

Quando o(a) psicólogo(a) vai à casa dessas famílias e pode entender melhor seus modos de funcionamento, proporciona um olhar que vai para além dos grupos, e estar no cotidiano destas famílias amplia as possibilidades de intervenção. Dessa forma, foi possível realizar um trabalho que contribuiu para uma efetiva aproximação entre pais e filhos, casais puderam repensar a sua relação de modo que ela pudesse se alterar, dentre outras coisas. Tanto o grupo, como os atendimentos domiciliares, deram suporte para que os pais conseguissem lidar melhor com os filhos e netos nas diferentes fases em que eles se encontravam.

Quanto às diferenças entre os grupos multifamiliares, nas duas instituições, percebeu-se que o grupo da APP chegou ao final do ano com significativo vínculo entre as participantes, ao passo que no Sonoro Despertar o grupo ainda permanecia disperso e resistente às visitas domiciliares. Considera-se que um aspecto importante é o tempo de intervenção realizado, pois, enquanto na APP a duração foi de oito meses, no Sonoro Despertar, a intervenção ocorreu em pouco mais de três meses. Também o formato do grupo influenciou: na APP houve uma participação frequente das mesmas participantes nos encontros; já no Sonoro Despertar os grupos eram abertos e com variação dos participantes. Dessa forma, o vínculo estabelecido acabou se fortalecendo mais no primeiro caso. Avalia-se que estes não são os únicos fatores responsáveis pelos caminhos diversos tomados por cada grupo, visto que, independente destes, cada grupo adota configurações próprias em cada trabalho realizado.

A avaliação dos impactos do trabalho com indivíduos é sempre algo de difícil mensuração objetiva. Se pensada de uma maneira hierárquica, partindo dos profissionais para os envolvidos, logicamente as autoras possuem impressões sobre o processo, mas essas pouco valem se impostas arbitrariamente. Neste sentido, no final do processo realizou-se uma avaliação do trabalho com os participantes, focalizando as vivências realizadas e as mudanças ocorridas. Sendo assim, as avaliações aqui expostas passam pelas percepções das autoras, mas, principalmente, pela percepção dos sujeitos acerca de seu próprio desenvolvimento a partir da participação no “Vincular”.

Ao final do processo, as famílias conseguiram elencar potencialidades e capacidades acerca de si mesmas, além de terem colocado o grupo como um espaço de socialização e aprendizado. Levando em consideração os estudos que atestam a dificuldade das famílias multiestressadas em perceberem seus recursos ao focarem apenas nos problemas (SOUSA; RIBEIRO, 2005), concluímos um avanço significativo na autoestima destas famílias.

No início do trabalho, consonantes aos estudos apontados, em sua grande maioria, as narrativas expressavam a descrença em si mesmas, focando nos sintomas e problemas. Além disso, houve também, por parte de algumas mulheres, uma ressignificação do seu lugar em relação aos problemas enfrentados, passando de uma postura passiva a uma postura ativa na resolução dos problemas.

Percebemos também que as técnicas utilizadas, o mapa de rede e o genograma, acrescentaram potencialidades ao trabalho. Na confecção do genograma, as participantes engajaram-se em um processo de autoconhecimento e reflexão sobre a história individual e familiar que, conforme a literatura, envolve “interação social, recuperação de memórias e desenvolvimento próprio.” (WENDT; CREPALDI, 2008, p. 305). O mapa de rede, por sua vez, permitiu que as famílias refletissem sobre suas relações, de forma a considerar sua rede de contato próximo à qual poderiam recorrer em situações de estresse e necessidade.

4. CONCLUSÃO

Os pilares Ensino, Pesquisa e Extensão aparecem como indissociáveis na Universidade, uma vez que tal articulação favorece o processo de aprendizagem, possibilita a aquisição de experiência e enriquece a dimensão curricular de discentes e docentes. Além de aproximar professores e alunos, romper a aparente distância entre teoria e prática, a extensão integra universidade e sociedade, possibilitando uma formação crítica e autônoma (JEZINE, 2004). O aluno extensionista tem a possibilidade de aprender a lidar com a imprevisibilidade das situações presentes na prática de extensão, na medida em que o cotidiano real não ocorre de forma linear e previsível, fazendo com que ele tenha que se reinventar e reorganizar seu trabalho de acordo com as demandas que vão surgindo. Neste projeto muitos foram os dificultadores que desafiaram nossa prática a uma inventividade e pró atividade. Tais desafios contribuem para a formação profissional dos extensionistas, acrescenta-lhes conhecimento, preparando-os para lidar com a realidade tal como se apresenta a cada um. Neste sentido, reiteramos que o conhecimento, experiência e valores adquiridos através da extensão universitária tornam o aluno mais preparado para o mercado de trabalho e para a vida, de forma geral.

A experiência do projeto “VincuLar” revela um modo diferente de fazer clínica (clínica ampliada), em que o psicólogo sai de um lugar conhecido e confortável, que são os consultórios terapêuticos, para ir ao encontro dos pacientes no próprio contexto em que vivem, bem como através do trabalho grupal multifamiliar.

Os benefícios desta experiência são inúmeros: o profissional tem a oportunidade de estabelecer parcerias com instituições/ projetos sociais, mapear e conhecer as demandas de um local específico e viabilizar atendimento psicoterápico para sujeitos de baixa renda. Para as famílias atendidas e as instituições parceiras às quais nos vinculamos, existem resultados efetivos, tanto em nível individual, quanto familiar e comunitário. Tanto discentes quanto docente podem ampliar a criação de novas práticas em Psicologia Clínica, bem como possibilitar a disseminação do saber psicológico para novas áreas, trazendo contribuições para atuar na realidade da comunidade do entorno, ajudando a minimizar sofrimentos e conflitos.

A prática extensionista favorece o próprio campo da Psicologia da PUC Minas, pois estabelece contato com áreas fundamentais da formação dos alunos, oferecendo a possibilidade de aquisição de competências e habilidades em campos do saber tanto clínicos como institucionais, ao se localizar na intersecção destas áreas da Psicologia.

As crises pelas quais estas famílias passam podem trazer consequências positivas, na medida em que se tornam um impulso para o resgate da autonomia e autoestima de seus membros, incentivando-os a lutar pelo reestabelecimento do poder e força deste sistema familiar. O Projeto “VincuLar” foi uma oportunidade de as famílias participantes poderem reestruturar o sistema familiar, mediante as crises pelas quais estavam passando.

O trabalho dos extensionistas contribuiu para que este processo de mudança ocorresse de forma mais natural, entretanto, para que os resultados do projeto sejam crescentes é necessário um acompanhamento contínuo das famílias, o apoio das instituições parceiras e da própria Universidade, que já tem como prática exercer sua responsabilidade social, para que o projeto se expanda cada vez mais.

REFERÊNCIAS

BARRERO, Guillermo Moreno. **Família Retalhos: Estudo de caso sobre a estrutura relacional de uma família multiproblemática**. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional de Braga, Braga, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13624/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Fam%C3%ADlia%20Retalhos%20%28Guillermo%20Moreno%20.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2018.

- CARVALHO, I.M.M. de; ALMEIDA, P. H. Família e Proteção Social. **São Paulo em Perspectiva**, 2003. v. 17, n. 2, p. 109-122.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 2005. v. 10, n. 2, p. 357-363. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000200013>>. Acesso em: 21 fev. 2018.
- GRANDESSO, Marilene. **Sobre a reconstrução do significado**: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- LIMA, M.J; ABDALA, M.N.L.; BRAGA, S.C.A. Construindo equipes para o trabalho com multifamílias. In: OLIVEIRA, S.M.; GONÇALVES, T.E. (orgs) **Famílias e Instituições**: enlases possíveis. Taubaté-SP: Cabral Editora, 2006. Cap. 5, p. 89-115
- LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; YASUI, Silvio. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, set. 2014. v. 38, n. 102, p. 593-606. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/0103-1104.20140055>>. Acesso em: 24 fev. 2018.
- MADSEN, W. C. **Terapia Colaborativa com famílias multiestressadas**. São Paulo: Roca, 2010
- MORAES, Rochele Pedrosa de. **Família**: uma construção histórica. Seminário Internacional Sobre Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família: Desafios éticos no ensino, na pesquisa e na formação profissional. Porto Alegre RS: Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS, 2013. v. 1. p. 1-8. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/I/34.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.
- MELO, Z. M. Família e Cultura: uma reflexão. **Symposium** (Recife), Recife, 2000. v. 2, p. 78-81. Disponível em <http://www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=1487>. Acesso em: 24 fev. 2018.
- OLIVEIRA, NHD. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. São Paulo: ed. UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- PAULO, Beatrice Marinho. **Novas configurações familiares e seus vínculos sócio afetivos**. 2006. Dissertação (mestrado)- Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8122/8122_3.PDF>. Acesso em: 24 fev. 2018.
- PETTENGILL, Myriam Aparecida Mandetta; ANGELO, Margareth. Vulnerabilidade da família: desenvolvimento do conceito. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 2005. v. 13, n. 6, p. 982-988, 2005.
- RASERA, E. F; JAPUR, M. Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. **Estudos de Psicologia**, 9(3), 2004. p. 431-439.
- SLUZKI, Carlos. Famílias e redes. In: FERNANDES L.; SANTOS, M.R. (coord.). **Terapia familiar, redes e poética social**. Lisboa: Climepsi, 2007. Cap. 4, p. 97-125.
- SOUSA, L.; RIBEIRO, C. Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. **Psicologia**. Lisboa, 2005. n. 19, p. 169-191.
- VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WALSH, Froma. **Processos normativos da família**: diversidade e complexidade. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WENDT, Naiane Carvalho; CREPALDI, Maria Aparecida. A Utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, 2008. v. 21, n.2, p.302-310. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000200016>>. Acesso em: fev. 2018.